

OS SALOIOS

GRUPO ÉTNICO DE LISBOA SUBURBANA



Certo núcleo de camponios naturais dos arrabaldes de Sintra, Loures e Mafra tem merecido o reparo de críticos, desde tempos distantes. Notados pelos traços diferenciáveis, forte personalidade, exteriorizações de sentimento, temperamento laborioso, maneira peculiar de viver e de se expressarem. Quase sempre, porém, essa análise é feita dum modo inexacto e deformador, explorando em sorridente recorte escarminho aquele feitio simplório e astucioso, aquele modo embaraçado mas ganhuceiro como sabem levar a água ao moinho, explorando o negócio sempre com lucros materiais assegurados.

Mormente nas revistas teatrais, os *saloios* são olhados pelo lado marcadamente irónico. Quantas enormidades se têm escrito com zombeteiro sarcasmo! As comédias encontraram nessa modesta classe ponto de mira para júbilo dos tablados, exagerando os desconchavos linguísticos, a boçalidade mazorra e alorpada com que essa prestável legião de cristãos-novos atende e abastece Lisboa e seus arrabaldes. Centros urbanizados de população densíssima que aqueles rústicos servem resignadamente: cuidando do vegetalismo dos fregueses, com os feijões *carrapato* e *patareco*, a tenra alface *crespa* ou *orelha-de-mula*, a fava *cornichela*, a ervilha *meia-palha* e *chifre-de-carneiro*, as mãos de nabos, as couves *monchuda* e *coração-de-boi* e muitos outros produtos dos hortejos.

Procurando ainda confortar-lhes os estômagos, com os saborosos queijinhos frescais de leite de ovelha e os rubicundos morangos, a vermelhejarem com a volúpia dà cor no bojo dos cabazes, em macia cama

de fetos montesinhos. E, não satisfeitos, tentam adoçar os beijos à clientela, com as regionais e lambareiras queijadas de Sintra, receitas herdadas da Matilde, da Sapa e da Periquita.

Pelas proximidades do Natal, surgem os tismados *salaios* a vigiar os bandos volantes de *piruns*. Manejam compridas canas com o trapicalho desfraldado num dos topos. Percorrem ruas e ruas, guiando pelotões dessas empertigadas aves cortejadoras, no desdobrar da cauda em leque e no espanejar das asas. Arrogantes, nos engasgados grugulejos onomatopaicos e no empantufado da plumagem riça, de tons metálicos. Dominam em plena realeza, com as carúnculas carnosas a escorrerem-lhes das frentes apopléticas e afogueadas, como pingentes de lacre vermelho retinto.

De mistura com outros vendilhões ambulantes, os *salaios* vagueiam outrora pelas artérias de Lisboa, lançando ao vento seus originais pregões cantarolados. Enchiam a cidade alfacinha de vida, de cor, de alacridade e de movimento. Reunião de vozes, mais ou menos cadenciadas segundo a fantasia musical de cada humilde «negociante». Desprendiam-se de todos os becos, travessas e tortuosas ruelas, constituindo verdadeira sintonia vocal, tão dissonante como pitoresca. Vibrante alarido de romaria.

Segundo o conceito de Bataille, «o passado é o nosso segundo coração, ressoa na nossa sensibilidade, canta-nos na alma». A venda errante estava integrada na vida lisboeta, fazia corpo com ela, tinha expressão local acentuadamente portuguesa, dava-lhe realce fascinador de vivo entusiasmo e excitação. Não é estranhável, portanto, que os devaneadores mais tradicionalistas recordem com vago enternecimento as belezas simples, as costumeiras e motivos lusíadas de ontem.

Entre os hábitos duma ancestralidade não muito remota, o comércio pelas ruas constituía a canção da cidade com o fundo melódico dos seus cândidos pregões. O vaqueiro *salaoio*, grosseiro e boçal, era certo, tangendo um pequeno grupo de pacíficas reses de fartas apojaduras, das espécies vacum e caprina. Eram ordenhadas em plena via pública, sob o olhar vigilante do comprador. E a maneira de as incitar para a marcha era invariável:

Chega lá... vaquinha, chega!...

Ladeando as turinas, em passos vacilantes, débeis vitelinhos mamões, de pernitais froixas e olhos ternos e lacrimejantes, amordaçados com um cofinho rubiforme de cabedal, que lhes impedia a sucção nos úberes das mães. E os pregões eram quase sempre versejados neste género:

Ó freguesa da água-furtada,
se quer o leite, mande a criada!

Ó menina do carrapito,
não compra leite, a pataco o litro?

Ó freguesa do primeiro andar,
se quer o leite, mande-o buscar!

Ó freguesa, venha depressa,
que a vaca preta volta à travessa!

O nosso povo, dotado de estro lírico, arranjava com frequência maneira mais ou menos ritmada e poetizada de anunciar os produtos, procurando assim despertar a atenção do freguês.

O vendilhão deambulante, com suas ocupações características e pregões musicados de compasso irregular, constituía um cosmorama vivo, um painel de singular beleza no seu fundo simplista e humano. Uma das expressões mais características da *vox populi*. Toadas, cantilenas e rumores, de contagiosa alegria, com seu quê romântico, a desenhar e a documentar épocas volvidas que fizeram seu tempo e não mais se repetem! De estirado o rol, nunca encontraria fecho. Os agriões eram anunciados:

Saúde!... saúde!... são da horta de Sacavém, vinte molhos por um vintém!

As favas:

A dois (*arráteis*) vinte e cinco, quem acaba as favas?

Começava a sentir-se o sol ardente do Verão. A lembrar os cálidos esplendores da época. Apareciam as melancias, com a rotundidade das suas panças verde-negras, sangrando nos cabazes, retalhadas, a mostrarem seus ventres sanguíneos. Gritavam as colarejas na venda:

Quem as quer da várzea... melancias à faca?...

Através do pregão estridente, dessa alegre maneira de publicidade, poderá avaliar-se a evolução do comércio errante. Os costumes, as preferências, os modos de negociar de antanho, o progressivo aumento do custo de vida e até a alteração do sistema monetário e das medidas para sólidos e líquidos.

Saloi é uma designação étnico-geográfica. O vocábulo, segundo lição do Dr. David Lopes, é de origem arábica e designa 'habitante do campo'. O tipo *saloi*, com suas feições ásperas e atrigueiradas, deve ter derivado dos Berberes que em Portugal viveram e se instalaram.

Curiosas gravuras antigas, de Z. Felix Doumet, Macphail, Joubert, Henri L'Evêque, Hoffman, Jaime C. Murphy, F. G. St. Sauveur, N. Delarive e outros desenhadores e litógrafos, fazem evocar dias de suavidade poética perdidos na nebulosidade da distância. Retrocessos, despertados agora, em bucolismos de lírica nostalgia nos fidalgos do Espírito, bardos devaneadores que tentam apurar o ouvido para escutar o gorgolhar dos riachos das lavadeiras, no paraíso verde da Murteira e Caneças; o sibilo do vento nos búzios e *cantarinhas* dos moinhos dos enfarinhados moleiros de A da Beja e Odivelas; o cadenciado matraquear da nora mourisca, com o orelhudo burrico atrelado à almanjarra, rodopiando pachorrentamente de olhos vendados, a fazer revoltear os alcatruzes.

Pelos fins do século XVII e limiar do imediato, os *salaios* matreiros e labruscos, possuídos de uma filosofia imbecilizada e fleumática – Sócrates de barrete, cinta e pau ferrado –, dotados de uma indiferença pelas coisas, que os não abandona, envergavam, nos dias domingueiros, véstia curta de saragoça espessa, apresilhada atrás; calçonipos do mesmo tecido e de cor amarelo-fulvo, abotoados ao lado e com folhos. Rodeando-lhes a parte média do tronco, em duas ou três voltas, uma cinta rubra ou preta com franja nas pontas, que lhes amarfanhava a fralda da camisa de pano-cru, esbarrigando-os. Esta peça de roupa interior era curiosa pelo bizarrismo dos rufos pregueados e talhe dos colarinhos – comprimiam as bochechas e arrepejavam os matacões aos agrestes labregos quando estes se acatitavam para os festivais. Eram tão altos e projectados de forma tal que lembravam os antolhos das cabeçadas.

Para as cerimónias de mais pompa, o *saloi* nunca dispensava a samarra ou o capote em que se envolvia em ocasiões de luto, como o

frade da regra mais austera no seu hábito. Com certa ostentação, usavam mesmo chapeirões acartolados de copa alta e volumosa. As meias de lã branca, feitas a agulha, eram apertadas um pouco abaixo do joelho por um ourelo encarnado; alvejavam pelo intervalo do calção e da bota de cano inteiriço, com forma tubular e canhão voltado, com tacholas nos tacões rasos.

O cajado ainda hoje é imprescindível como arma defensiva, chuço e bordão. Nos galanteios com a mocetona pretendida, serve de apoio ao queixo durante o demorado diálogo analisando problemas sentimentais gerados quase sempre nos *balharicos* e *casas da brincadêra*. Enquanto a *saloia*, cabisbaixa e com amor nos olhos, se entretém pudicamente revoltando o lençinho de mão, ele vai fazendo riscos na terra com a choupa do varapau, absorto em sonhos que a alma lhe segreda.

As *salias saloias*, coradas como romãs e de olhos fulgurantes, vinham à cidade rumorosa, montadas em chouteiros burricelhos. Traziam a mercadoria ao dorso dos jumentos felpudos, em seirões de esparto, em cestas de vime ou em cangalhas de madeira, e exibiam a graça ingênua das vestes garridas: as vasquinhas ou curtos gibões de pano azul-ferrete com bāndas encarnadas muito ajustadas ao busto e fazendo ressaltar o avultadinho dos seios; as saias de farta roda, que usavam sofraldadas num arranjo especial de modo a descobrirem os saíotes de cores festivas, sempre com barra escarlata. Suspensas da cintura, as *patronas* de flanela, soltas e mutáveis, enormes *alzeberas* de feitio rectangular com abertura longitudinal.

Punham brio no cobrir a cabeça com as inconfundíveis carapuças afuniladas de veludilho preto com volta de pano acetinado azul ou carmesim. Estas barretinas de forma cónica deixavam pender à frente o coruchéu afilado. Eram colocadas sobre o mantéu de parrilha, que as *salias* usavam a cobrir-lhes a cabeça e o dorso. Resguardavam os pés e o ancho das pernas com as grosseiras botifarras de coiro atanado, de canos altos, fechadas verticalmente por meio de uma carreira de botões.

A rasoira alheia e exótica, com a intromissão de modernismos, foi a pouco e pouco transfigurando a gracilidade e singeleza destes costumes. Em prejuízo do encanto donairoso do traje antigo das *salias* – dum pitoresco sem igual – estas desprezaram os casibeques tafuis, as casquilhas blusas que vestiam a contrastar com uma infinidade de saias de castorina.

Puseram de lado os sapatorros de bezerrum e as botas de cano, de rastos pregueados, os lenços estampados de cabeça – aguarelas de cores vivas – que atavam sobre a nuca, depois de cruzados no queixo.

Modificaram os talhes das roupagens, expressão puramente popular, herdada de suas avós; os recortes, galas e guarnições, como mandava o gosto da época. Abandonaram as vestimentas, ataviadas em alardes de perícia, a cromofilia das chitas leves e frescas, para se amaneirarem com os arrebiques da cidade, desajustados e destituídos de casticidade.

Eles, por sua vez, passaram a usar jaquetas de briche, quase sempre pendentes do ombro; calças de meia-polaina, estranguladas na perna.

Com o rodar dos tempos, o chapéu braguês de abas recurvas e margueironas derivou para o barrete ou garruço, que ostensivamente traziam enterrado na cabeça, muito em especial na quadra que vai do Natal à Quaresma. Esta cobertura de malha de lã é, entre a saloiada, negra e rematada por uma borla; raras vezes é de cor verde; neste caso, a borla e a orla de carapinha que circunda a cabeça são encarnadas.

O uso do barrete vai decaindo aceleradamente, como vão desaparecendo as farfalhudas suíças, que infundiam respeito ao *saloio* e lhe davam majestosa altivez.

Algumas igrejas e capelas alpendradas, como São João das Lampas e Santo Estêvão das Galés, conservam ainda as mesas de pedra em que os saloiões se depositavam as carapuças antes de entrarem no templo.

Ninguém como o *saloio* sabe fazer os *conchegos* a uma horta. Estas pequenas parcelas de terreno parecem verdadeiros jardins, empolvadas no arranjo dos alegretes e na perícia e alindado das banquetas. Em volta dos corredores e alfobres, renques de ervilheiras, tomateiros e feijões de trepar engrinaldam as caniçadas. Pendentes das latadinhas de cana, as abóboras *carneira* e *cabaça*, e os colondros, põem uma nota zorra com suas infrutescências de volumosos bojós. Armados com ripas enfiadas, caramanchéis de sombra, floridos de trepadeiras, para resguardo das alfaias e aprestos do granjeio.

Dobrado sobre a terra fecunda, o *saloio*, com uma trapagem de sapilha enroscada nas pernas, à maneira de altas polainas – *anti-moles* –, moureja nos hortelhos, almuinhas e quinteiros, de sol a sol.

Arma o *chão*; levanta *mantas* e faz margeados; prepara os canteiros de regadio. Dessedenta e irriga as plantações, aproveitando a água que escorre dos alcatruzes da nora ou baldeia-a ao *cabaço*, depois de extraída das almácegas ou dos poços, pelas anacrónicas *picotas* ou *cegonhas*.

No minguante da Lua, semeia *ao baldão*, *à espicha*, ou *ao chavilhão*. Derrega as nabijas pelo pé ou pela rama; ampara os feijoeiros com estacas galhudas; bate a semente do *çabolo* com a pá; enfeixa as *alfácias* e as chicórias para branquearem; dispõe a salsa, a hortelã, a segurelha, a pimpinela, os coentros... e outras ervas finas *de temperar*; capa os meloeiros, ou fustiga-lhes a rama à chibatada, para que os frutos já vingados mais robusteam. Com o adubo de curral faz as *estercadas*, porque (lá diz o *Seringador*): «à horta, a minguia de gados e de braços lhe põe embaraços».

Pelo morrer da tardinha, e ainda com certa ralé, limpa, com a *cardoa*, o terriço às cenouras e aos nabos que arrancou, e começa a formar e a apertar com *atanças* os molhos *de venda*, ainda cheios de viço; a preparar os produtos da terra, para no dia seguinte serem mercadejados em Lisboa em Cascais, em Sintra e noutros grandes centros populacionais consumidores. A arrumação das hortaliças e legumes nas galeras e carroças faz-nos acudir à memória as estrofes de Cesário e as pinturas de Malhoa e Roque Gameiro. Requentes no afeiçoar a carga e na distribuição dos formatos e das cores. Neve, musgo, sangue e oiro. Primeiramente, o acolchoado feito com a frescura dos repolhos, das exuberantes lombardas, tronchudas e *coração-de-boi*, de talos fortes e consistentes. Em ordem alternada, em listrões de tonalidades cromáticas contrastantes, verduras e raízes carnosas: as mãos dos nabos aquosos e tenros, alvejando como linho em estriga; feixes de espinafres, de bróculos e de agriões, em matizes verdejantes; os molhos das cenouras dum amarelo-atijolado, com o realce das folhas rendilhadas; por fim, o grito purpúreo das beterrabas, rábanos e dos rabanetes de cor rosada-violácea, que tanto estimulam apetites com seu picantezinho atrevido.

A cana, planta espontânea e rústica, acorre às mais diversas necessidades materiais do *saloi*. Com a *navalha-de-volta*, de afiada lâmina curvilínea, afeiçoa-lhe, com as mãos rugosas da enxada, as hastes ocas. Converte-a em material apreciabilíssimo e de extensiva aplicação: desde

a gaiola para o melro, à flauta para tocar durante o pastoreio e ao cabaz para a venda dos morangos, até à estacaria para as hortas e latadas, e ao *azerve* que, disposto em sebe apertada, lhe serve de abrigo à vinha e a outras culturas.

Com a rusticidade dos braços de trabalho e sacrifício, o *saloio* planta vimeiros nos barrancos e terrenos valadios; aproveita as vergastas flexíveis do arbusto, para manufacturar os *poceiros* e outros modelos de cestaria. Orla os cômoros e os socalcos com sebes de piteiras de folhas aceradas; com as fibras têxteis da planta, prepara vencilhos; as lavadeiras (depois de tornarem as folhas inermes, pela supressão dos espinhos) utilizam-nas como estendedeiro para a roupa.

No entretanto, a aversão à árvore manifestada pela gente da sua casta é rática. Essa fobia dendroclasta, esse desprezo pelas plantas lenhosas de elevado porte, é acentuado na área onde o *saloio* se fixou; vastidão de terrenos com aspecto árido e desolador, lembrando as gândaras e os morros escavados da larga planície marroquina. Cristãos-novos conversos, nunca se desvaneceu de todo o islamismo hereditário que lhes circula nas veias e transparece nesta e noutras expressões do seu temperamento.

Na actividade artística *saloia*, de carácter artesanal, salientam-se, pela primitividade da técnica e ingenuidade criadora, os *oteiros-barristas* de Sobreiro e Achada (vizinhanças de Mafra), tão originais na modelação das peças - bilhas, moringues, pratos, terrinas, caçoilas - de contornos e decorações graciosos, nos seus tons esverdinhado e amarelo-creme.

O cerne rático de árabe está saliente, não só na pigmentação morena, mas ainda na seiva vital, na psicologia própria, no comportamento social e moral deste aglomerado humano. O *saloio* não tem a sensibilidade devota, o fervoroso misticismo da gente nortenha; no entanto, mostra fé e êxtase devocionário nos *círios*. São préstitos religiosos de tradição secular, não isentos de exibição etnográfica e tocados de vincado encanto regionalista.

A aparição dos *círios* dá sempre motivo a exaltação e regozijo da multidão, pelas montadas dos romeiros, ajazeadas garridamente com cobertas e colchas de estampagens variegadas; pelos anjos do *estilo*; cântico das *loas*; festividades *gratutória* e *de despedida*; arrematações

do guião, pendões, cargos e fogaças, e outros aspectos arcaicos de que se revestem.

A Virgem, em seu peregrinar ordenado e sucessivo, percorre freguesias do antigo Termo de Lisboa, que se comprometeram a fazer o giro, acompanhando e recebendo triunfalmente a venerada imagem. Entre outras, têm grande luzimento a romagem à Senhora da Nazaré, ou *Círio da Prata Grande*, a *feira dos penicheiros* ou dos *Três Círios* e as solenidades antiquíssimas à Senhora da Atalaia e Senhora do Cabo que, em remotos anos, tinham um cerimonial esplendoroso.

A *bênção das vinhas* é outra tradição centenária com seu timbre peculiar que o *saloio* acata com devoção e interesse. Realiza-se anualmente em Aldeia Galega da Merceana. A Senhora dos Prazeres sai da igreja processionalmente, dando entrada num vinhedo, debaixo de chuva de flores, sendo conduzido o andor por um *home de boa nobreza* (na crónica antiga um *home bôo*), por um *terceiro* (isto é, um cultivador que amanhe *ao terço*), um ganhão e um viticultor. O dono da propriedade logo cortará tres ramos da sua vinha, e da sua oliveira, oferecendo-os ao prior numa salva de prata. O sacerdote lança um largo sinal da cruz sobre a vinha e benze os ramos, colocando-os no andor. Seguem-se as litanias e rogativas, implorando a protecção da Virgem:

Nossa Senhora abençoa as nossas vinhas e oliveiras e dai pão a quem trabalha!

Têm por fim estas cerimónias agradecer à divindade os benefícios das colheitas.

De ordinário, o *saloio* prescinde de pároco para legitimar a sua união com a amásia. Não casa, *ajunta-se* ou *arranja-se*, isto é, passa a viver maritalmente em lícito concubinato, o que, entre os do seu meio, não representa quebra de dignidade. Com o nascimento do primeiro filho, os sentimentos do *saloio* apuram, pois é vulgar conservarem-se fiéis à companheira o resto da vida.

A feira das Mercês, tipicamente saloia, merece ser auscultada na feição etnográfica. A dois passos da pitoresca povoação da Rinchoa, tem como cenário um planalto donde se avista o espinhaço da serra de Sintra.

O progresso alterou muitas das suas características de tradição rústica, entre outras o *muro do derrete*, estranho uso que serviu de tema

desenhadores como Leal da Câmara e Stuart de Carvalhais, inspirou músicos e bailarinos, mas foi abandonado como processo de acordos ilícitos ou de ajustamentos amorosos. Noutros tempos, o *muro do derrete* constituía um divertido espectáculo. As raparigas saloias, casadoiras, sentavam-se ao longo daquele parapeito, aguardando que os mancebos galanteadores, do seu nível, as viessem cortejar, encetando namoro. Permitem as crónicas que deve tratar-se de frouxos vestígios do antigo mercado de escravos, derivado mais tarde em feira de criados de servir.

Bastante menos prazenteiras do que as maçoilas do Minho, que, com pernaças à vela, pé descalço e riso nas bocas frescas levam os dias a cantarolar, as *saloias* são pouco esfuziantes, mais metidas consigo. A *vilã saqueirinha* (na expressão quinhentista), durante a mocidade poucas vezes exprime pela trova a alegria que lhe vai na alma. Embora coadjuve o homem no labor agrário, os trabalhos campestres ao ar livre são comumente desempenhados pelo elemento varonil, o que, de certo modo, influi neste retraimento canoro. No entanto, o cancioneiro saloio regista algumas modinhas que se ouvem nos bailaricos rebatidos, ao som e compasso de musicata – viola, acordeão e gaita de beijos, o *piano de balharica*, como é designado pitorescamente. Estes bailes populares têm as suas particularidades, designadamente nas marcações coreográficas. As trovas são deste tipo:

A moda do *balharico*
Não tem nada que saber:
É andar *cum pé* no ar,
Outro no chão a bater.

Ó Maria assalojada,
És uma grande mulher.
Não sei que saloia és tu
Que todo o homem te quer!

Este *balharico* novo,
Rebatido no sobrado,
É o luxo dos rapazes,
Com uma preta, pau ferrado.

Rapaz de barrete verde
E carapinha encarnada,
Não deites pra cá o olho,
Pois daqui não levas nada!

Rapaz de barrete verde,
Encarnada a carapinha,
Acompanha a rapariga,
Não a deixes ir sozinha!

Tira o barrete dos olhos
E olha pra mim a direito;
Sempre quero perguntar-te
O mal que te tenho feito.

Sou saloia, trago botas
E também uso mantéu,
Também tiro a carapuça
A quem me tira o chapéu.

Fui fazer uma lavouira
Co *mê* gato e o *mê* cão;
Quando chego ò fim do rego:
— Vira gato ò camalhão!

Fora da lide caseira, da manipulação do pão e dos tratos da criação e do porco, a *saloia* intervém de preferência nas tarefas mais delicadas, nas que requerem esmeros de mãos ou sentimentos afectivos. Se uma turina deu à luz um bezerrinho, aí está ela, solícita, a dar à vaca parturiente vinho quente e canela para lhe retemperar as forças; a lavar-lhe o úbere com cozimento de malvas e farelo; a *almofaçá-la* com feno macio; a revestir a cria com farinha triga, para que a mãe a aceite e lhe passe a língua pelo lombo, húmido ainda de mucosidades.

A *saloia* colabora na higiene do bragal e vestuário do *alfacinha*, branqueando-lhe a roupa discreta. A lavadeira faz parte integrante do ambiente arrabaldino; tem o ágio de uma profissão castiça, dá-lhe cor local. Nos tanques, nas almácegas ou nas *ribéras*, enquanto lavam, raras vezes cantam; limitam-se a bater a roupa ao compasso de uma toada entrecortada e lamurienta, espécie de queixume inarticulado — *hãh!... hãh!... hãh!...*, pois, segundo a paremiologia saloia, *roupa que não é gemida, não é batida e roupa que não é contada não é lavada*.

Constituía outrora enfeitiçamento para os olhos observar o séquito das lavadeiras a caminho de Lisboa. Dava, à vida da cidade, uma nota risonha e colorida, esse friso de mocetonas de olhos gaiatos e espelhando vigor, montadas nos machinhos, ou empinocadas nos carroções entre trouxas de roupa branca, aglomeradas como outeiro alvorejado de neve. Cedendo o passo ao progresso, as lavadeiras saloias perderam gradualmente a beleza rústica, a louçania saudável que as assinalavam.

Tudo se diluiu ou perverteu. E os olhos enevoam-se de saudade aos romeiros da Quimera, últimos abencerragens dum passado rotineiro e romanesco, sim, mas tranquilo, abençoado e prazenteiro.

GUILHERME FELGUEIRAS



Tipos de maliois





Uma ceifa em Fanhões (Loures)

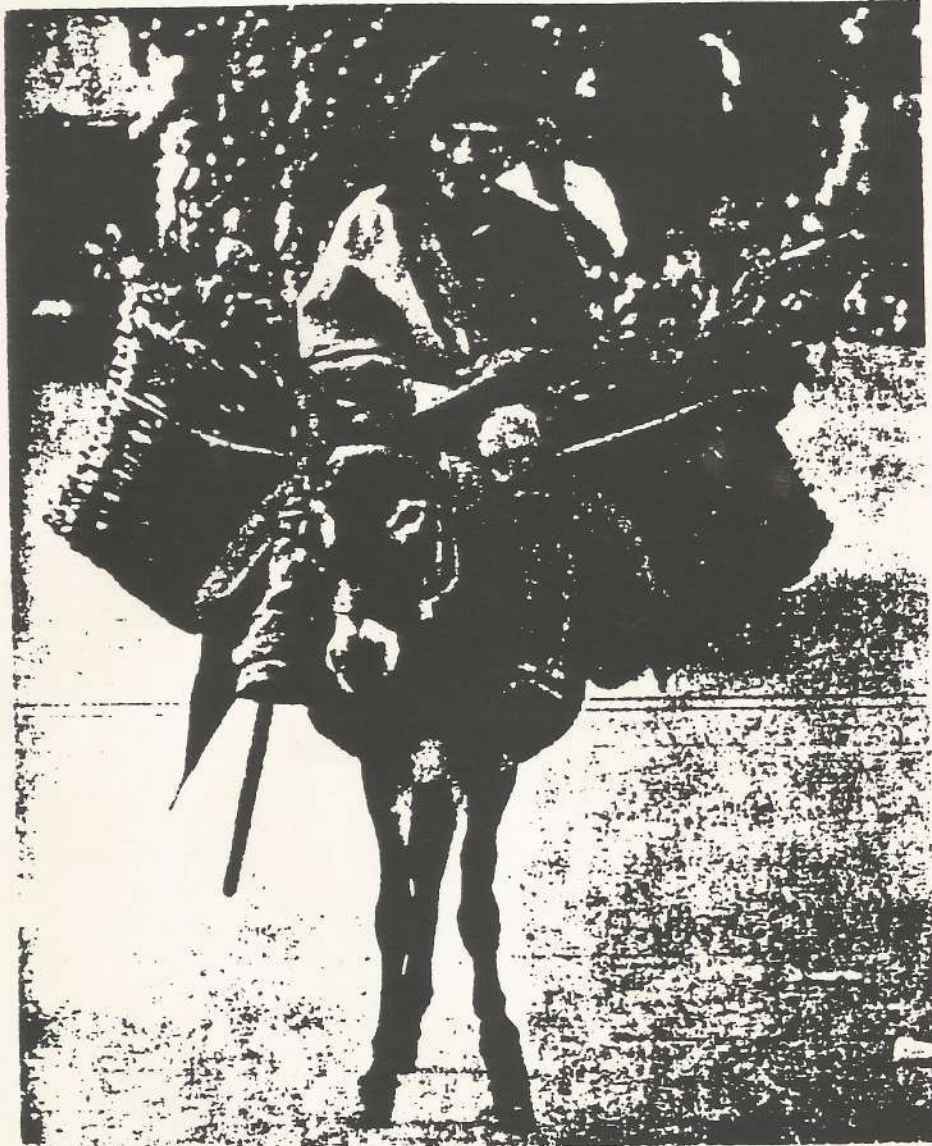


Saloio vendendo peruas pelo Natal



Saicos na terra de São Pedro (Sintra)
(fotos E. Portugal)





Saloio com *antiparra*: regressando do trabalho



FEIRA EM MATRA NOS PRINCÍPIOS DO SÉCULO XIX



MONTIMOR O VELHO —
CAMPOES COM BARRETE
DE FARTA CARAPINHA.



ALBUZAL — PESCADOR DO RIO SADO

pág. 517). aponta-o como sendo uma sobrevivência dos pegureiros e pescadores do litoral mediterrânico, helenos, etruscos e romanos.

Sofrendo alterações conciliáveis com as épocas, resistiu — louvado seja Deus! — até nossos dias, integrando-se plebeicamente na vida hodierna e não no passado morto.

Embora constitua rotina de costumes e seja olhado com desdém por tantos espíritos ambiciosamente evolutivos, certo é que tem ainda jus a menção admirativa no nosso fértil e opulento repertório etnológico.

GUILHERME FELGUEIRAS

da Associação dos Arqueólogos Portugueses; do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia; da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e da Sociedade Brasileira de Folk-Lore

